

agrofolha

VAIVÉM DAS COMMODITIES

Mauro Zafalon
mauro.zafalon@uol.com.br

No agronegócio, placar entre Brasil e México poderia ser mais elástico

No campo de futebol, o Brasil ganhou de 2 a 0 do México, mas nos campos agrícolas o placar poderia ser ainda mais elástico.

A relação comercial entre brasileiros e mexicanos vem crescendo no setor de agronegócio. E pode avançar ainda mais com os mais recentes acontecimentos políticos no México e nos Estados Unidos.

O "America First", do presidente Donald Trump, e o "México Primero", do presidente eleito do México, López Obrador, devem acentuar os atritos comerciais entre os dois países da América do Norte.

Como diz Clóvis Rossi, colunista da *Folha*, essa relação ainda é uma incógnita e é cedo para qualquer avaliação. O lógico, no entanto, são complicações pela frente.

Essa relação desgastada do México com os Estados Unidos — tanto pelas discussões sobre o Nafta como pela imposição de taxas americanas



Apoiadores comemoram eleição de López Obrador; atritos entre EUA e México beneficiam Brasil. Guillermo Arias - 1º jul.18/AFIP

a produtos mexicanos — e a mudança de presidente podem abrir ainda mais o mercado do México para o Brasil.

A liderança mundial brasileira na oferta de vários produtos favorece o comércio com o país da América do Norte.

Bastante dependentes dos Estados Unidos, os mexicanos querem uma diversificação de mercado.

O Brasil tem chance de ser esse parceiro alternativo, com a possibilidade de oferta de vários produtos. Um deles são as

carnes. Castigado por recentes doenças em sua avicultura, o México já vem procurando o Brasil para complementar o abastecimento interno.

De janeiro a maio deste ano, as compras mexicanas somaram 45 mil toneladas nesse setor, 100% mais do que as de igual período do ano passado.

Ricardo Santin, vice-presidente da ABPA (Associação Brasileira de Proteína Animal), estima que a importação mexicana deverá ser de 100 mil toneladas neste ano no Brasil. "Com isso, o México estará entre os dez maiores importadores", diz ele.

Se essa relação comercial é boa agora, pode ficar ainda melhor nos próximos anos. Em uma década, os mexicanos vão importar 1,3 milhão de toneladas de carne de frango, 36% mais do que atualmente, segundo estimativas dos Usda (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos).

O México é dependente também de carnes suína e bovina, mas o Brasil ainda precisa abrir esses dois mercados.

A consolidação das importações mexicanas de carne de frango e a abertura para a suí-

na serão discutidas com o ministro da Agricultura daquele país nas próximas semanas.

As importações de carne suína pelo México deverão somar 1,8 milhão de toneladas em uma década, 50% mais do que a atual.

Já a carne bovina, produto que tem o país da América do Norte como o 12º maior importador no mundo, está um pouco mais difícil.

Antonio Camardelli, da Abiec (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes), diz que o mercado de carne bovina termoprocessada foi aberto recentemente, mas o de carne "in natura" está fechado.

O México vai aumentar também a dependência das importações de milho. Em uma década, serão 24 milhões de toneladas que o país deverá buscar no exterior. O Brasil, naquele período, deverá produzir pelo menos 130 milhões de toneladas e aumentar o poder de exportações.

As portas do México deverão estar abertas ainda para vários outros produtos brasileiros: arroz, soja em grãos, farelo de soja, açúcar e até café.

27%

foi a alta no número de caminhões desde 2010. Ociosidade de transporte de autônomos provocou queda no valor do frete, diz a Federação da Agricultura do Estado do Paraná

FRETES O frete é altamente concorrencial, aponta avaliação de José Caixeta Filho e de Thiago Guilherme Pêra, da Esalq-Log. O tabelamento, porém, não é solução. **Piora a economia e reduz a renda do setor.**

VARIÁVEIS O frete vem de muitas variáveis e não se adaptaria em uma tabela só. Por isso, o tabelamento afeta o produtor rural, reduz oferta de alimentos e eleva a inflação.

SAÍDAS O estudo, encomendado pela Faep (Federação da Agricultura do Estado do Paraná), aponta que um caminho mais efetivo que o tabelamento seriam as reduções de tributos, pedágio e combustíveis.

